ANNO XX de "O Povo de Aveiro, DOMINGO, 27 DE SETEMBRO DE 1903 N.º 1:015 de "O Povo de Aveiro,,

O POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,
EDITOR, Manuel Homem Christo

Numero 216

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2$500. Semestre, 1$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Annuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

4.º Anno

Asqueroso servilismo!

O acto indigno, que a camara municipal de Vianna do Castello acaba de commetter, substituindo, n'uma das ruas ou avenidas da cidade, o nome de Luiz de Camões pelo do sr. D. Carlos I, rei de Portugal, é d'aquelles que mais eloquentemente deixam assignalada a profunda abjecção do caracter nacional.

Que vergonha!

Foi servil, aquillo. Mas foi ao mesmo tempo estupido. No proprio servilismo póde haver arte, elegancia, distincção. E, n'esse caso, é antipathico sem ser repugnante. Quando se despe, porém, de todos os artificios, e apparece deslavado, desavergonhado, brutal, assoando-se ao dedo e escancarando a bocca immunda, é a coisa mais asquerosa, mais hedionda da natureza humana.

O servilismo da camara municipal de Vianna do Castello foi um servilismo d'esta especie. Servilismo de brutamontes d'aldeia, para quem a vida se resume em mais abobora menos abobora, mais bacoro menos bacoro, prompto, sempre, a trocar por um monte de estrume as obras mais perfeitas e maravilhosas do genio humano.

Arre, bestas!

O que nos doe, porém,—e n'isso está a gravidade do caso—é não ter surgido um protesto energico, d'um extremo ao outro do paiz, contra a selvageria sem nome. Ha servilismos que abatem, que deprimem, aquelles a quem se dirigem. O sr. D. Carlos não tem, evidentemente, responsabilidade nenhuma na estupidez bestial dos vereadores de Vianna do Castello. Sua majestade não provocou um procedimento de tal ordem, não o esperava e não o agradeceu. Não se sentiu, é de crêr, engrandecido, nem honrado com elle. Não havia, pois, melindres de qualidade nenhuma que levassem a imprensa jornalistica a não estigmatisar unanimemente a grande estupidez. Não amesquinhavam el-rei.

Porque o não fizeram então? Porque, áparte meia duuzia de periodicos, que honradamente, nobremente, comprehenderam o seu dever, se limitaram os outros todos a chalacear sobre o caso, quando se não restringiram á simples noticia do facto, despida de qualquer commentario?

Porque tudo isto, de norte a sul, de nascente a poente, é Vianna do Castello, afinal.

Luiz de Camões é um titulo de fidalguia, é um objecto de luxo, e mais nada. Luiz de Camões não vale como artista, como sabio, como espirito dos mais altos, dos mais puros, dos mais rutilantes. Vale porque tem nome. Vale como elemento de vaidade. Vale como pergaminho. Herdámos aquillo como quem herda uma joia de familia. Como herdámos Affonso de Albuquerque, Vasco da Gama, e tantos outros. Joias de simples valor estimativo, é claro. Não valem um pataco na casa de prégo. Senão, já estavam vendidas ou empenhadas ha muito. E como simples joias de valor estimativo guardam-se n'um armario para mostrar a extranhos. Não, ainda, com o fino sentimento do artista, com a admiração e paixão de quem conhece a arte e a pratica, mas com a vangloria vã d'um descendente boçal que só conhece os avoengos pelo lustre que déram á casa.

Esta indifferença da quasi totalidade dos jornaes portuguezes, deante do ultraje de se riscar o nome de Luiz de Camões das esquinas d'uma avenida ou de uma rua, é tudo quanto ha de mais significativo e de mais deprimente na torpeza, na boçalidade ou na estupidez. De Luiz de Camões não conhecem nada, senão o nome. Não teem a comprehensão da sua obra; d'outra fórma o seu sentimento revoltava-se e trasbordava em censuras, em injurias, em imprecações. Não teem, sequer, o brio de homens da mesma raça, da mesma historia, que falam e escrevem a lingua do grande genio nacional. Porque, se o tivessem, não chalaceavam, não faziam noticiasinhas com commentarios chulos ou espirituosos, não escreviam, mesmo, unicamente, artigos de indignação: obrigavam os vereadores de Vianna do Castello a restabelecer na esquina da rua o nome do poeta, e, depois, corriam com elles a pau.

Com a bréca: vá lá que o sr. Hintze Ribeiro diga impunemente na camara, como presidente do conselho, que se limita a receber as ordens do seu soberano e a cumpri-las. Vá lá. A dignidade ministerial e a carta constitucional andam de rastos ha muito. Mas que se tire o nome de Luiz de Camões das esquinas de uma rua para lá se inscrever o nome d'el-rei de Portugal, respeitando-se o nome de tanto insignificante, de tanto idiota, por ventura de algum galopim eleitoral, d'algum taberneiro ricaço que passeia a sua vaidade nojenta ou o seu pedantismo ignobil pelas ruas de Vianna do Castello, nome que seria então substituido com vantagem pelo do sr. D. Carlos I, com honra da nação e do rei, isso é demais. E' a ultima affronta.

E um povo que se deixa assim affrontar sem protesto, ou que limita os seus protestos a meia duzia de chalaças, é um povo que perdeu os ultimos direitos a ser poupado e respeitado.

Que vergonha!

—

P. S.—Acabamos de lêr n'um periodico que o sr. D. Carlos I mandara telegraphar ao presidente da camara municipal de Vianna do Castello, dizendo-lhe que não consentia que o seu nome substituisse o nome de Luiz de Camões.

Ora eis ahi um acto que nobilita o rei e o reino, deixando, comtudo, completamente a nú a ignominia da imprensa portugueza, que não se levantou unanimemente a estigmatisar a vileza estupida da vereação do norte do paiz.

Levaram o pontapé que todos os lacaios reclamam e merecem. E como verdadeiros lacaios, os havemos de vêr, agora, sahindo a investir com os homemsinhos de Vianna do Castello e desfazendo-se em elogios ao imperante.

Agora, agora. Agora é que elles se vão zangar. Agora é que elles se vão indignar, aproveitando a occasião para se rojarem deante do rei.

Ora attendei. Ora esperae e reparae.

E será caso para dizermos de novo:

Que vergonha!
Que vergonha!

Grande desgraça

Acabamos de receber a noticia d'uma grande desgraça na praia da Torreira.

Voltou-se um barco de pesca morrendo nove homens e ficando alguns feridos.

A' hora em qus escrevemos, hora do nosso jornal entrar no prelo, ignoramos pormenores.

TRANSCRIPÇÕES

O Debate transcreveu a nossa *Carta d'Algures*.

O Mundo transcreveu quasi todo o nosso ultimo artigo editorial.

Eleições municipaes

Os republicanos de Lisboa resolveram ir á urna nas proximas eleições municipaes.

Fizeram bem, obtenham ou não obtenham grande votação.

Um partido democratico nunca segue como processo o abandono da urna.

Senhora da Saude

Estão passando alegres ranchos populares, com as musicas e descantes d'aldeia, para o arraial da Costa Nova, que promette ser este anno extraordinariamente concorrido.

A' festa da Senhora da Saude segue-se a da Barra, que começa pela grande tourada de ámanhã.

DUELLO

O *Mundo* defende o duello. Não admira. De admirar seria que os jornaes republicanos viessem a defender, por completo, os bons principios. E defende o duello porque um sujeito foi bastante estupido para declarar que não se bateria senão a murro.

Esqueceu-se o *Mundo*, unicamente, de que tanta razão assiste áquelles que defendem o duello a sabre, á pistola ou ao florete, como áquelles que o defendem a pau ou a murro.

Se o duello a murro se apoia na covardia da força, na covardia da força, da astucia, da agilidade, d'uma superioridade physica, em fim, se apoiam os outros todos.

Se, estabelecido o principio do duello a murro, as redacções portuguezas devem alugar para directores dos jornaes quatro possantes gallegos, começando depois, sem receio, a insultar a torto e a direito aquelles que lhes não forem affectos, alugarão espadachins, ou atiradores, em vez de gallegos, para escreverem e dirigirem os mesmos insultos, se o principio do duello a murro fôr substituido pelo principio do duello ao sabre, ao florete, ou a tiro. E estamos na mesma. E entre os gallegos e os espadachins só póde haver a differença de que os espadachins, em geral, são mais insolentes, mais infames e torpes.

Fala o *Mundo* em armas eguaes. E' *brioso* ir para o *campo da honra* luctar com *armas eguaes*, arriscando a vida por um ideal mal comprehendido ou em defeza da sua honra ultrajada. Que falta de logica!

Se um duello á espada é um duello com armas eguaes quando os contendores as manejam com a mesma habilidade e destreza, ou um duello a tiro, quando os adversarios são atiradores da mesma força, tambem um duello a murro é um duello com armas eguaes quando os contendores possuirem a mesma força e destreza. Se um dos jogadores do murro póde ter vantagens sobre o adversario, o mesmo póde succeder ao jogador da espada, ao jogador de florete, ao jogador do tiro. Se a força muscular é um elemento attendivel no jogo do murro não deixa de o ser no jogo da espada.

Que falta de logica!

Se um dos contendores tem o direito, em certos casos, da escolha das armas, porque não ha de escolher o murro ou o pau, se o murro ou o pau mais lhe agradar ou mais lhe convier? Porque ha de elle ficar sujeito, se não souber pegar n'uma espada, a ser espetado pelo adversario, que a maneja bem? Em nome de que principio de razão, de logica, de bom senso? Em nome de que principio de direito?

Só porque a espada é mais aristocratica do que o pau ou o murro? Porque não põe o *Mundo* bentinhos ao pescoço, porque não beija o pé ao Senhor dos Passos e porque não defende a monarchia?

E' mais aristocratico!

Os aristocratas, por via de regra, não são livres pensadores, nem republicanos.

Diga-nos: se o fim do duello é fazer sangue, é lavar com sangue as affrontas recebidas, que differença ha—áparte as regras do *bom tom*—entre fazer sangue, lealmente, frente a frente, deante de cem ou mil testemunhas, em vez de quatro, com uma bengala ou com uma espada?

E não quer o *Mundo* que chamem ao duello uma palhaçada!

E conclue que façamos como os outros povos latinos indo para o terreno com o sorriso nos labios!

Façamos, caro collega, apenas o que fôr de justiça e o que fôr de direito, importando-nos pouco com o que fazem ou deixam de fazer os *outros povos latinos*. Todo o recurso á força é uma estupidez. Quem tem coragem para insultar deve te-la, evidentemente, para se sujeitar ás devidas consequencias. Sujeita-se á lei, sabiamente feita. Se a lei é má, faz-se propaganda para que se reforme. Se o tribunal está mal constituido, faz-se propaganda para que se constitua convenientemente. Se é preciso um tribunal especial, pede-se um tribunal especial.

Mas só o tribunal, constituido em nome da lei, póde e deve ter competencia para julgar e para castigar. Ou os assassinos vulgares teem tanto direito, como os assassinos privilegiados ou aristocratas, para matar em nome dos seus ideaes ou em nome da *sua honra*.

E eis tudo.

Cartas d'Algures

25 DE SETEMBRO.

O que os estadistas, os legisladores, os publicistas, os industriaes, os negociantes, toda a camada rica e pensante comprehendeu, em todos os paizes da Europa, grandes e pequenos, foi que sem povo não havia nação. E para haver povo digno de tal nome, povo que soubesse tirar da agricultura e da industria os grandes recursos que, intelligentemente, d'ellas se obteem, povo que soubesse trabalhar, que soubesse progredir, povo capaz de ter opinião e de influir, portanto, nos negocios publicos, não os deixando á mercê de oligarchias odiosas, era preciso ensina-lo, era forçoso instrui-lo.

Em todos os paizes da Europa, grandes e pequenos, que caminham actualmente na vanguarda da civilisação, se comprehendeu essa verdade imperiosa. E foram os ricos os primeiros que se lançaram, afadigosamente, uns por meio de donativos importantes, outros por meio da propaganda, outros por meio do exemplo, a ensinar o povo.

Em Portugal, todo o propagandista da instrucção foi sempre considerado um homem perigoso ou um maluco. Em Portugal, até os espiritos mais cultos, os intellectuaes, sentiram e sentem pelo povo verdadeira repulsão, verdadeiro desprezo.

O sr. Ramalho Ortigão deixou de ser republicano porque o povo lhe *cheirava mal*. O povo *não se lavava*. Voltou as costas á democracia pela necessidade ingenita de refrescar as narinas nos perfumes palacianos.

O mesmo desprezo ostentou Oliveira Martins. O mesmo desprezo tinha, no fundo, o proprio Eça de Queiroz. E todos. Não hou-

ve um homem de cunho n'este paiz, nem mesmo entre os republicanos, que comprehendesse, a tempo, que o trabalho mais urgente e mais importante, para refazer esta nacionalidade, era elevar o povo, era instrui-lo, era educa-lo.

«As escolas de Stockolmo, (1) diz o sr. Antonio Feijó no seu relatorio sobre a instrucção popular na Suecia, obedecem ao plano quasi uniforme das outras escolas do paiz; mas os edificios ultimamente construidos attingem proporções enormes, podendo alguns ser frequentados por mais de dois mil alumnos. São verdadeiros estabelecimentos de luxo, que fazem inveja a muitos lyceus e universidades de outros paizes.

Nos subsolos dos edificios estão installadas as casas de banhos, estufas de ar quente, duches e tanques para natação. Nos andares superiores, dá serventia para todas as aulas um immenso e largo corredor, ao longo de todo o edificio, com lavatorios e cabides para o serviço das creanças. As aulas são amplas salas confortavelmente mobiladas e com janellas só de um lado, segundo os modernos preceitos da hygiene. Cada alumno tem o seu logar especial e separado—a sua escrevaninha, a sua estante e o seu banco, tudo envernizado e de um aceio irreprehensivel: nem uma nodoa de tinta, nem uma arranhadura de canivete, nem um desenho grotesco. Em todos os edificios ha excellentes caloriferos, empregados ao mesmo tempo para o serviço dos banhos e das cozinhas.»

Eis ahi como o povo se póde lavar e deixar de cheirar mal. O sr. Ramalho Ortigão mais aristocraticamente servia os seus instinctos fidalgos, servindo ao mesmo tempo a causa nacional, se empregasse a sua actividade e o seu talento em reclamar para o povo portuguez, com perseverança, um regimen identico.

Em vez de concentrar os seus esforços em fortalecer o poder real, podia o sr. Oliveira Martins concentra-los em fortalecer o poder popular, seguindo a orientação que seguiram os dirigentes da Suecia, da Dinamarca, da Suissa, da Inglaterra, da Allemanha, dos Estados-Unidos da America do Norte. E creava uma força bem mais sólida, mais segura, mais estavel, bem mais compativel com os proprios interesses da burguezia dominante. Mas, por mais que a nossa vaidade soffra com isso, forçoso é confessar que nós nunca tivemos senão homens pequenos mesmo entre os homens grandes.

Em tudo, até nas coisas mais infimas, se demonstra o vergonhoso desdem, o estupido abandono a que anda votada entre nós a instrucção elementar. Na Allemanha, os grandes marechaes, os homens que se encheram de gloria nos campos da batalha, os profissionaes por excellencia, sentem-se orgulhosos e honrados em declarar que ensinaram soldados analphabetos a lêr, escrever e contar, quando simples subalternos nos regimentos. Em Portugal, não faltaram insignificantes a declarar sem rebuço, nas proprias revistas militares, quando foi das experiencias do capitão Homem Christo, que a missão de ensinar primeiras lettras ao soldado era incompativel com a dignidade do official!

O professor d'instrucção primaria é, entre nós, uma coisa desprezivel, no tratamento, no ordenado, na consideração social. Ganha 440 réis por dia, tanto, com pouca differença, como um soldado da guarda municipal, e menos do que, em Lisboa e Porto, um soldado da guarda fiscal!

Isto é typico. Mas justo, mas coherente, diga-se a verdade, n'um paiz onde *acima de tudo* está a *defeza das instituições*, onde a candonga é considerada um dos meios mais dignos de arranjar dinheiro, de fazer fortuna.

O professor d'instrucção primaria ganha, pois, 165$000 réis annuaes. Ao fim de seis annos, ganha 195$000 réis. Ao fim de doze annos, 235$000 réis. Mas n'esta altura só lhe mostram o céo, para lhe deixarem, como unico recurso, o inferno. Logo que se reforme, o desgraçado volta dos 235$000 réis a 170$000 réis annuaes.

(1) Escolas de instrucção primaria.

Na Suecia e na Noruega, o minimo legal, fixado pelo governo, é de 150$000 réis nos cinco primeiros annos e de 175$000 réis d'este periodo em deante. Mas, além da vida ser mais barata n'esses paizes, porque em parte nenhuma da Europa é tão cara como em Portugal, o professor d'instrucção primaria tem direito, ainda, a casa para habitação, a lenha, a um tracto de terreno para horta e a forragens para uma vacca. E, não bastando isso, pódem ainda as communas, independente do minimo fixado pelo estado, conceder aos professores as gratificações que quizerem. Em muitos logares, os professores recebem 375 e 450$000 réis annuaes. Isto nas escolas ruraes. Nas grandes cidades estão submettidos a um regimen especial.

Assim, em Stockolmo, onde existem 637 professores d'instrucção primaria, vencem os de 1.ª cathegoria,—porque são classificados em 3 cathegorias—350$000 réis annuaes; os de 2.ª, 450$000 réis; os de 3.ª, 500$000 réis. Ao fim de cinco annos de serviço recebe cada um d'elles mais 50$000 réis. E ao fim de dez annos, mais 100$000 réis. Além d'isso, os professores encarregados do ensino do trabalho manual recebem mais uma gratificação de 175$000 réis. Ha, portanto, conclue o sr. Antonio Feijó no seu relatorio, professores que chegam a receber cerca de 1:000$000 réis por anno.

E' barro!

Em Portugal, não só o professor chega ao maximo dos réis 235$000 para voltar logo, com a a reforma, aos 170$000 réis, como não tem gratificações das communas, nem lenha, nem forragens para vacca, nem tracto de terreno para horta, nem casas para habitação. Os *coxichos* que se andam fazendo para ahi, com o nome de casas d'escolas, não passam ainda d'uma duzia. Mas embora se venham a construir aos milhares, o professor só poderá residir n'elles com a condição de ficar celibatario. Em tendo familia, por mais pequena que seja, já não cabe lá dentro.

Mas temos, a respeito de tudo isto, muito que dizer. Ficará para o numero seguinte.

Vêr-se-ha, d'um modo bem flagrante, bem nitido, bem evidente, que o proposito das classes dirigentes, em todos os paizes que caminham hoje na vanguarda da civilisação, foi elevar o povo, dando-lhe instrucção e dando-lhe pão.

Em Portugal, todos o lançaram ao abandono e ao desprezo.

Todos, sem exclusão dos *intellectuaes*, casta damninha que não é das menos responsaveis na degradação, na abjecção, na torpeza a que isto chegou.

A. B.

Methodo de João de Deus

Chamamos a attenção dos nossos leitores para o annuncio que hoje publicamos das obras que constituem o methodo de João de Deus, de leitura e escripta, *todas approvadas pelo governo.*

Como se vê d'esse annuncio e no intuito de generalisar o methodo pelas escolas do paiz, conforme o voto *unanime* das côrtes de 1888 (ha 15 annos), houve reducção no preço do 1.º e 2.º livros de leitura, que passou de 300 para 200 réis. O preço dos *Quadros Parietaes* que era de 9$000 réis, baixou para 6$000 réis (menos 33 p. c.) *Albuns*, com as licções de «*Cartilha Maternal*», o preço de réis 9$000 foi reduzido para 5$000 réis (menos 44 p. c.)

Publicado ha 27 annos o luminoso invento de João de Deus, a critica imparcial de nacionaes e de estrangeiros ha muito que reconheceu a sua superioridade e grande efficacia no ensino das primeiras letras. Mas para que tal ensino seja proficuo é necessario que o professor esteja conhecedor do methodo.

Esse conhecimento ou habilitação adquire-se *gratuitamente*, nos cursos dados em casa da viuva do auctor, rua João de Deus, á Estrella, 13, 1.º Lisboa.

— Vale mais ser juiz entre dois inimigos do que entre dois amigos; porque no primeiro caso adquire-se um amigo e no segundo um inimigo.

PENDENCIA

Ill.mos e Ex.mos Srs. Drs. João Pinto Rodrigues dos Santos e Guilherme Alves Moreira.

Meus presados amigos:

No numero 5:277 do «Campeão das Provincias», de 16 do corrente, no artigo editorial que tem o titulo «A Syndicancia» ha phrases que supponho dirigidas a mim e são offensivas da minha dignidade.

Peço a V. Ex.as que me façam o favor de liquidar este assumpto pela fórma que V. Ex.as considerarem mais propria.

Sou com a mais alta consideração,

De V. Ex.as

amigo muito grato e affectuoso,

Agueda, 17 de setembro de 1903.

MANUEL HOMEM DE MELLO.

Ill.mo e Ex.mo Sr. Dr. Manuel Homem de Mello.

Nosso presado amigo:

Em cumprimento da missão de que nos incumbiu, fomos á Redacção do «Campeão das Provincias», onde nos foi dito que o director d'este jornal era o ex.mo sr. Firmino de Vilhena d'Almeida Maia. Immediatamente nos dirigimos a casa d'este cavalheiro e communicamos-lhe o motivo que ali nos levava.

O Ex.mo Sr. Firmino de Vilhena d'Almeida Maia declarou-nos que não era o auctor do artigo, mas que tomava a responsabilidade, recusando-se a dizer o nome do seu auctor. Que não sabia se o artigo se referia a V. Ex.a, nem podia desde já precisar esse ponto, pois suppunha que o auctor d'elle não estava em Aveiro, não acceitando a proposta que lhe fizemos de se addiar a solução d'esta pendencia até obter esclarecimentos a esse respeito. Que se recusava a dar mais explicações e a uma reparação pelas armas, procedimento que já havia seguido n'uma questão anterior.

Perante estas declarações, a missão de que V. Ex.a nos incumbiu não póde deixar de considerar-se terminada.

Somos com a mais particular estima e consideração

De V. Ex.a

amigos muito dedicados,

Aveiro, 18 de setembro de 1903.

JOAO PINTO DOS SANTOS
GUILHERME ALVES MOREIRA.

Illm.os e Ex.mos Srs. Drs. João Pinto dos Santos e Guilherme Alves Moreira.

Meus presados amigos:

Nos jornaes d'hontem vem publicado o seguinte telegramma:

«CELORICO DA BEIRA, 21. — Peço declarem ser eu o auctor do artigo do «Campeão das Provincias», cuja responsabilidade nobremente assumiu Firmino de Vilhena, proprietario do jornal, quando procurados pelos drs. João Pinto dos Santos e Guilherme Moreira. — (a) BARBOSA DE MAGALHÃES.»

Rogo a V. Ex.as a fineza de liquidarem esta questão como julgarem mais conveniente.

Sou com a mais alta consideração

De V. Ex.as

amigo, mt.º dedicado e grato,

Agueda, 23 de Setembro de 1903.

MANUEL HOMEM DE MELLO.

Ill.mo e Ex.mo Sr. Dr. Manuel Homem de Mello.

Nosso presado amigo:

Cumprindo o seu honroso mandato, procuramos o Ex.mo Sr. José Maria Barbosa de Magalhães, que, depois de expormos o motivo porque o visitavamos, nos entregou a seguinte carta:

Ex.mos Srs. Dr. João Pinto Rodrigues dos Santos e Dr. Guilherme Alves Moreira.

Tendo tido a honra de ser procurado por V. Ex.as para declarações ácerca do artigo editorial do n.º 5277 do «Campeão das Provincias» intitulado «A Syndicancia», limito-me a declarar: que assumo, como já disse pela imprensa, a inteira responsabilidade d'esse artigo, escripto no uso do direito de livre critica de actos publicos que assiste a todo o jornalista; que me recuso a dar quaesquer explicações ao Const'tuinte de V. Ex.as, nos termos em que já o fez o Ex.mo Sr. Firmino de Vilhena, e que, como já fez este cavalheiro, me recuso tambem a dar-lhe reparação pelas armas.

Com toda a consideração

De V. Ex.as
am.º mt.º vener. e obrig.º

Aveiro, 23 de setembro de 1903.

JOSÉ MARIA BARBOSA DE MAGALHÃES.

Em virtude das declarações que faz o auctor do artigo que motivou a pendencia, damos esta por finda.

Somos com a mais particular estima e consideração

De V. Ex.a
amigos muito dedicados
e affectuosos,

Aveiro, 23 de setembro de 1903.

JOÃO PINTO DOS SANTOS
GUILHERME ALVES MOREIRA.

A Praça Municipal

Proseguem os trabalhos de calcetamento, a mosaico, d'esta praça, trabalhos que estão sendo apreciados por todos quantos os veem.

No emtanto, não faltaram cavalgaduras para increpar o presidente da camara por ter dotado a cidade com mais aquelle novo e importante melhoramente.

Felizmente, toda a gente sensata, imparcial, amante da sua terra, gente que ainda abunda em Aveiro, se vae convencendo de que o sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto é o melhor presidente da camara que ha muitos annos apparece entre nós. Ha quarenta annos que não temos outro assim. Dissémo-lo já e não cessaremos de o dizer.

Uns teem posto os interesses politicos acima das conveniencias geraes. Outros teem sido d'uma incuria a toda a prova. Outros d'uma incapacidade provada. Outros teem commettido e deixado commetter actos deshonestos. Alguns teem procurado acertar e prestado serviços dignos de nota. O sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto não se deixou até hoje, honra lhe seja, arrastar pelos interesses politicos até ao ponto de lhes sacrificar os interesses camararios. E sendo activo e zeloso como poucos, não praticando nem deixando praticar actos deshonestos, intelligente, magnifico administrador, ainda nenhum, em tão pouco tempo, fez tanto e tão bem em favor das conveniencias publicas.

Esta é a verdade, que todos reconhecem. Os brutos que procuram empana-la com manifestas sandices, a garotada ignobil que julga desorientar com chalaças de tasco a opinião publica, não consegue senão deixar cada vez mais saliente a estupidez, a inveja ruim, o despeito vil, a especulação réles que sempre os caracterisou.

Voltaremos a este ponto no numero seguinte.

Musica no Jardim

O programma que a banda do 24 executa hoje, da 1 ás 3 da tarde, no Jardim Publico, é o seguinte:

Marreco, passa calle, (***); *Recordação*, Symphonia, (Reis); Pot-pourri da opera *Tributo de Zamora*, (Gounod); Phantasia da opera *Satinitz*, (Suppé); Pot-pourri da opera *Tunhauser*, (Vagner); *Rei de Granada*, Jota, (***).

Não comprehendo a necessidade de nos privarmos de uma felicidade só porque ella não póde durar sempre. Havemos de matar os filhos porque elles teem do morrer um dia?

A. KARR.

PORTAS D'AGUA

Chamámos aqui, ha dias, a attenção de quem competisse para o estado d'essa ponte, que não nos pareceu de natureza a deixar o publico tranquillo. O *Progresso de Aveiro* tambem entende que a ponte das Portas d'Agua e a da Gafanha não estão em boas condições, assim como a estrada da Costa Nova, lamentando que *por mal entendidas economias se deixe destruir o que tanto dinheiro custou.*

Por mal entendidas economias e porque o dinheiro é empregado em coisas extranhas áquellas a que foi destinado.

Os fundos do ministerio das obras publicas, como os do ministerio do reino e instrucção, como os do ministerio da guerra, como os de todos os ministerios, afinal, são empregados em alimentar as *pandegas* dos grandes personagens e a clientela dos politicos. E depois é calote que ferve. E depois não ha dinheiro para coisa nenhuma.

A' ponte da Gafanha foi concedida um verba de 500:000 réis, ha dois mezes. Nas reparações que n'ella se fizeram gastaram-se 50:000 réis. Para onde foi o resto? Nenhum empregado o metteu no bolso, bem o sabemos. Mas déram lhe applicações illegaes e immoraes, o que não póde ser. Contra isso protestamos e protestaremos com toda a energia.

Desde agosto de 1900 que se deve a Antonio dos Santos Gamellas a quantia de 28:025 réis. A Manuel Gonçalves de Figueiredo, hoje aos seus herdeiros, a quantia de 40:000 réis desde janeiro de 1901. A João Lopes Morgado a quantia de 72:000 réis desde maio e julho de 1901. A João Lopes da Costa a quantia de 24:000 réis e ao mesmo João Lopes Morgado a quantia de 25:800 réis desde julho de 1902. Uma folha de jornaes na estrada de Santo Amaro, na importancia de 70:240 réis, desde abril de 1902. Outra folha de jornaes na estrada da Costa Nova, na importancia de 155:050 réis, desde julho de 1902. E no emtanto ha individuos pagos pelo cofre das obras publicas sem prestarem serviço nenhum ás obras publicas.

Isto não póde ser. Tenham paciencia, tenham paciencia. Isto não póde ser.

A estrada da Costa Nova está perdida. Estudou-se ha muito tempo uma variante, que se torna indispensavel para evitar a ruina produzida pelas aguas, e nem sequer, até hoje, esse estudo foi enviado ao governo!

Ora isto é demais.

Vamos a vêr se não teremos necessidade de voltar a este assumpto.

Para symptoma, já não é mau o que ahi fica.

Os padres hão de mostrar-se sempre os mesmos, sempre avaros, ambiciosos, debochados, soberbos, vingativos, inimigos do repouso e da verdadeira piedade, sempre embusteiros e dissimulados.

(Dos *Crimes dos Papas*)

Apara lá esse pião á unha, ó *frei do Carmo da Purificação Chiça.*

DIGNO DE LOUVOR

Ha dias, visitando a escola parochial da Vera-Cruz, ficámos surprehendidos com a excellente disposição, ordem e aceio que em tola ella se nota.

Chamou-nos, sobretudo, a attenção uma série de quadros parietaes, que soubemos terem sido adquiridos á custa do respectivo professor, ou por subscripção aberta por elle entre os seus amigos.

Importaram esses quadros em 41$180 réis, quantia que representa um sacrificio enorme n'um professor d'instrucção primaria. Fazem parte do *Muzeu Escolar Industrial*, publicado por Les Fils d'Emile Dreyrolle, Paris. O texto é em portuguez.

Consta essa publicação de quatro séries. A 1.ª série trata de elementos de sciencias naturaes, botanica e zoologia, em harmonia com a ultima reforma d'instrucção secundaria. A 2.ª série, ainda em harmonia com esta reforma, trata de animaes e vegetaes uteis. A 3.ª série, d'industrias extractivas. E a 4.ª, de anatomia humana.

A escola não possue ainda a 3.ª série, que custa 95 francos. Possue unicamente as outras tres. Mas o intelligente e honrado professor, o sr. José Casimiro da Silva, que mais uma vez se distinguiu pelo seu já provado amor á instrucção, que era digno de uma recompensa official, espera ainda conseguir, entre os particulares, donativos para a obter.

Todo o auxilio que se lhe concedesse n'esse sentido seria verdadeiramente patriotico.

Lá fóra, nos paizes cultos, os particulares concorrem poderosamente para o desenvolvimento da instrucção. Entre nós, o melhor caracteristico do nosso atrazo está no abandono e na indifferença com que todos encaram essas coisas.

Seja como fôr, o sr. José Casimiro da Silva deu provas de dedicação rarissima entre nós.

E', por isso, digno do louvor e applauso de todos.

O Methodo de João de Deus e os seus detractores

Já vimos Trindade Coelho antes de ser auctor de cartilhas e depois de o ser.

Antes de ser auctor do cartilhorio, entendia elle que o professor, *ensinasse como ensinasse*, havia de *adoptar um methodo*, e que o *unico* methodo ao qual elle, Trindade, *conferia o seu voto*, era o methodo de João de Deus.

Depois de ser auctor do cartilhorio censura o director geral d'instrucção publica por recommendar aos professores o *unico* methodo ao qual elle, Trindade, *conferia o seu voto*.

Impagavel!

Já vimos, pelas tremendas asneiras denunciadas pela commissão encarregada da escolha de livros d'instrucção primaria, o valor intellectual d'outros detractores do methodo João de Deus, e demos, para amostra, *bocadinhos d'oiro* do livro de Simões Lopes, reservando transcripções de outro auctores para quando tivermos espaço e pachorra.

Hoje vamos vêr a coherencia e *mais partes* da *Educação Nacional*.

Este semanario, que se arvora em dirigente do professorado primario, dizia no seu ultimo numero, 20 de setembro, que achava *perigosa a propaganda que officialmente se andava por ahi a fazer ao methodo João de Deus*. «Tudo quanto officialmente se fizer para metter a ferro a fogo o methodo de João de Deus nas escolas primarias, *onde não consegue entrar a bem*, é um mau passo. Mas, em face da pertinacia escancarada, nós temos de abrir a valvula do bom criterio, e sem contemplações para com o famoso methodo, abrir os olhos a quem os quer fechar á bôa luz e á melhor claridade.»

Ora querem os leitores saber como a dicta *Educação Nacional* (sic) abriu a *valvula do bom criterio e os olhos a quem os quer fechar á bôa luz e á melhor claridade* para mostrar o que é o *famoso methodo*?

Em 10 de janeiro de 1897 publicou um numero especial em honra de João de Deus, encimado por estas palavras **Homenagem ao auctor da Cartilha Maternal**.

Reparem bem: homenagem ao **auctor da Cartilha Maternal**. Não se fazia a apothéose do poeta, embora se falasse no homem, o que fatalmente se impunha, como poeta. Mas a apothéose era dirigida particularmente ao **auctor da Cartilha Maternal.**

O que n'esse numero se diria do methodo de João de Deus calcularão muito bem os leitores.

Em 11 de julho de 1897 publicava a mesma *Educação Nacional* um pequeno artigo intitulado *Livros de instrucção primaria*, no qual censurava abertamente que os livros de João de Deus não figurassem entre os livros escolhidos para o ensino. «Salta á primeira vista, porém, o não se encontrar alli, **nem ao menos os livros de João de Deus.**»

Em 18 de julho de 1897, n'outro pequeno artigo sob o titulo *Notas*, applaudia vivamente a direcção das *Escolas Moveis pelo methodo de João de Deus* pelo seu protesto contra a exclusão dos livros de João de Deus do ensino primario e pela sua *activa propaganda* em favor da *Cartilha Maternal*, terminando por dizer:

«Louvamos a propaganda feita pela direcção das *Escolas Moveis pelo methodo de João de Deus* e estamos convencidos de que ha de conquistar o apoio de todo o paiz, **porque até hoje ainda não appareceu outro livro que, como a Cartilha Maternal, tenha derramado tanta luz pelas classes populares».**

Em 25 de julho de 1897 publicava um longo artigo sob o titulo *A Cartilha Maternal*, artigo que começava por estas palavras:

«E' este *inquestionavelmente* o nosso *melhor livro de leitura*, o unico que tem levantado o ensino nas escolas primarias e minado pela base o analphabetismo que assombra, como nodoa escura, a sociedade portugueza, envergonhando-a perante os povos cultos. E' este, sem duvida, o **unico livro que, moldado pelas verdadeiras regras da pedagogia, deu, até hoje, o maior impulso á instrucção popular**, surgindo como estrella redemptora por entre a maior parte dos **codigos de asneiras** que correm por esse paiz fóra sob o nome de *Cartilhas de leitura* com a chancella barata do conselho superior de instrucção publica.»

Em 17 de outubro de 1897 voltava a censurar a commissão encarregada de escolher os livros para o ensino primario por ter regeitado a *Cartilha Maternal*, **«que o consenso da nação expontaneamente glorificara.»**

Em 28 de novembro de 1897, sob o titulo *João de Deus*, referia que a *Academia Instrucção Popular* ia celebrar um congresso em Lisboa, nos dias 11, 12 e 13 de janeiro de 1898 para evidenciar «*as provas e vantagens do methodo João de Deus sobre todos os demais até hoje publicados*». Applaudia muito a *Academia* e accrescentava: «Como jornalistas pedagogicos e professores admiradores de João de Deus mandaremos representante ao congresso e adherimos sinceramente ao desejo da commissão promotora.»

N'esta altura parece que começa o editor Figueirinhas a editar cartilhorios, porque a *Educação Nacional*, de 8 de maio de 1898, já não considera o methodo de João de Deus senão como *um dos melhores* e protesta contra o projecto de lei do sr. Queiroz Ribeiro pelo qual este deputado pretendia tornar obrigatoria a adopção d'aquelle methodo. Comtudo, para não ser rapida a transicção, e porque o sr. Figueirinhas ainda não editava n'essa altura livros d'instrucção por atacado, ainda o methodo *era dos melhores* e ainda em 14 de janeiro de 1900 a *Educação Nacional* rememorava a morte de João de Deus, ao qual chamava o *immortavel pedagogo*.

Mas depois... nada. O editor Figueirinhas começa a editar quantos cartilhaços apparecem, e a *Educação Nacional*, sempre dirigida por um Figueirinhas, emmudece, até recobrar o uso da fala para combater aquillo que tantos e tão calorosos louvores lhe merecera, para nos dizer em 20 de março de 1903, sempre dirigida por um Figueirinhas, que «acha perigosa a propaganda que officialmente se anda por ahi a fazer ao methodo João de Deus, que o methodo não consegue entrar a bem nas escolas primarias, que passa a não ter contemplações com o *famoso methodo*, a abrir a valvula do bom criterio e os olhos a quem os quer fechar á boa luz e á melhor claridade.»

Pois não tem que abrir valvula nenhuma, amigo, que aberta e bem aberta fica ella, como abertos e bem abertos ficam os olhos de todos á *bôa* luz e á melhor *claridade*, depois de tudo quanto se acaba de lêr.

Olhe que não ficam duvidas em ninguem.

Deu-se com a *Educação Nacional* o que se deu com o sr. Trindade Coelho e com outros.

Emquanto não foram auctores ou editores de cartilhorios, cahiram de enthusiasmo e de admiração deante do methodo de João de Deus. Mas assim que passaram a ser auctores ou editores de cartilhorios, arrefeceu-lhes o enthusiasmo, desappareceu lhes a admiração, e a obra do *immortal pedagogo*, como elles diziam, passou a ser obra de fancaria.

Isto prova mais uma vez a degradação do caracter nacional.

Mette nojo.

E mais nada.

Uma noite d'estas acordou o *Chiça* muito sobresaltado, julgando ouvir uma detonação. E levantou-se muito atrapalhadamente na hypothese de lhe terem disparado um *tiro* no lazarento corpinho!

— ... Malvados... que me perseguem noite e dia, articulou elle; eu... que não faço mal a ninguem, que a todos trato com respeito e consideração, que nunca insultei nem calumniei pessoa alguma, que durante a minha vida nunca atraiçoei nenhum mortal, que nunca desejei um ceitil do meu semelhante, que reparto os restos dos meus magros vencimentos pelos mais necessitados; quem se atreverá, pois, a tentar contra a minha existencia tão preciosa e tão querida na terra?

... Nada, isto em mim foi sonho, não póde deixar de ser outra coisa...

E depois de percorrer todos os cantos á casa, concluiu:

— E quem sabe se o *tiro* não foi effeito de digestão?

E adormeceu novamente com o *tiro na cabeça*.

Foi transferido para Lisboa o nosso amigo, sr. Thomé José dos Reis de Carvalho, antigo fiscal de pesos e medidas.

Exposição do Methodo João de Deus

O Ensino, bi-semanario da classe do professorado, publica esta correspondencia de Aveiro:

O capitão do exercito sr. Francisco Manuel Homem Christo offereceu-se ao Exm.º Sr. Director Geral de Instrucção Publica, para preleccionar o methodo de João de Deus aos professores primarios que não tivessem um conhecimento exacto do methodo e quizessem apprendel-o.

N'esse sentido o Exm.º Sr. Sub-Inspector d'este circulo convidou o professorado a comparecer nos dias 14 e seguintes, pelas 10 horas da manhã, no edificio da escola do sexo masculino da Vera-Cruz, dias, local e hora em que teem tido logar as referidas conferencias.

No primeiro dia, expoz o conferente, com clareza, posto que com algumas pequenas incorrecções, a theoria geral do methodo, e no segundo explicou de uma maneira brilhante a analyse da palavra fallada e em consequencia o valor e nome das letras. Seguiram as licções praticas de leitura onde o sr. Homem Christo mostrou ter perfeito conhecimento da engrenagem do inimitavel methodo de leitura de João de Deus.

E' o caso:—O bom *Deus*, farto de supportar tanta burridade terrestre, subiu ao Céo e enviou-nos *Christo* a ensinar aos seus discipulos a sua santa doutrina, dissipando assim as trévas do analphabetismo!

Na verdade, o sr. capitão Christo é um homem intelligente, muito digno de louvor, tanto mais que, sendo extranho ao magisterio, se impoz no dever de ensinar a ler na caserna centenas de de militares analphabetos, com uma abnegação e paciencia rara, prestando d'este modo um grande serviço ao seu paiz.

Têm assistido ás conferencias a maior parte dos professores do circulo, entre os quaes lembra-nos ter visto os Illm.os Srs. José Casimiro da Silva, de Aveiro; M. Santos Costa, de Mamodeiro; Padre João Pedro de Almeida, de Souza; Manuel José de Barros e Almeida, da Costa de Vallado; João de Almeida Vidal, da Oliveirinha; Rodrigo Nunes Callado, da Palhaça; Julio Catharino, de Ilhavo; Cesar Catharino, de Cacia; Padre Rocha, de Vagos; J. Vasconcellos, de Sever do Vouga, etc.

Das professoras poucas vimos; não estiveram para se incommodar, umas porque sabem o methodo e outras porque julgam vergonhoso aprender o que não sabem!

S. C.

* * *

O correspondente da *Soberania do Povo* tambem diz:

O sr. capitão Homem Christo, que é um erudito na explicação do methodo de João de Deus, tem continuado as suas prelecções na escola da Vera-Cruz, conforme noticiámos em a nossa correspondencia ultima, causando a admiração de muita gente a maneira como o brilhante escriptor e incomparavel polemista estudou tão a fundo o methodo do immortal poeta, o que só se póde comprehender pelo grande amor que o incansavel jornalista dedicou á instrucção e ao methodo de ensino que é hoje conhecido como o melhor, o mais perfeito e o mais simples, como na prática teem demonstrado os resultados do aproveitamento, quer para os adultos, quer para as creancinhas.

Em Vizeu foi isso tão demasiadamente reconhecido, que as damas da melhor sociedade de aquella cidade mandaram pedir para Lisboa um professor das Escolas Moveis para ensinar o methodo aos professores que o desejassem, e por ultimo aprenderam ellas mesmas, chegando algumas senhoras a dar prelecções a quem desejasse aprender o referido methodo.

Por fim, solemnisaram a festa com um banquete intimo, ao qual assistiu tudo que havia de mais distincto e altamente collocado n'aquella cidade.

Quem tem amor a instrucção assim faz.

Honra por isso ao sr. capitão Homem Christo.

Parece-nos haver equivoco n'uma parte d'esta correspondencia.

As senhoras da *Escola Liberal*, de Vizeu, encerraram as explicações do *Methodo de João de Deus* com uma sessão solemne e não um banquete.

A injustiça é arma de dois gumes, que se volta contra o amigo depois de ferir o inimigo.

H. Christo.

PUBLICAÇÕES

Agulhadas.

Recebemos os quatro numeros d'esta publicação dirigida pelo distincto escriptor Paulo Osorio.

O 1.º numero traz uma tareia no sr. João Franco e dois artigos bem feitos de critica social e artistica.

O 2.º numero trata da gréve dos tecelões e de varios casos da actualidade.

O 3.º numero publica a *historia d'um morto*.

O 4.º numero refere-se aos assumptos politicos do mez.

Agradecemos.

*

Grammatica Franceza — Manual de Conversação em Portuguez e Francez, por José Miguel dos Santos.

Do conhecido editor João d'Araujo Moraes, proprietario da importante livraria de Lisboa — rua da Assumpção, 49-51, Lisboa, recebemos os dois livros referidos, já de ha muito conhecidos em todo o paiz e de muita utilidade aos que quizerem apprender com consciencia a lingua franceza, principalmente os que se destinarem á carreira commercial.

Os livros d'estudo constituem a especialidade da livraria Moraes e d'elles daremos uma noticia em outra occasião.

*

Tratado de Contabilidade, por Ricardo de Sá.

Não cessaremos de fazer o elogio d'esta obra, utilissima a todos os que se dedicam á carreira commercial e necessaria aos leigos que precisem ou queiram ter noções dos processos do commercio.

Recebemos as cadernetas 5.ª e 6.ª.

*

Rudimentos de Agricultura, por Antonio Xavier Pereira Coutinho, editado pela livraria Aillaud — rua do Ouro, 242, 1.º, Lisboa.

Vae em outro logar o respectivo annuncio.

Excellente livrinho de leituras para as escolas primarias, dos poucos que escaparam á chacina geral do ultimo concurso.

O seu auctor, além de ser um botanico distinctissimo, sabe escrever em linguagem facil, assimilavel, qualidade muito rara em escriptores portuguezes.

*

Historia Sagrada — O Velho Testamento, por José Victorino de Sousa e Albuquerque.

E' um dos pequeninos volumes da *Bibliotheca do Povo e das Escolas*.

Achamos que a *Bibliotheca do Povo e das Escolas* seria bem mais util e civilisadora não escolhendo publicações d'esta natureza.

Notas alegres

Uma de Bartholomeu Laranjinha da Motta:

— Pois um jornal cá da terra não chamava á banda do 24 — a reputada!! Imaginava, naturalmente, o auctor da tal noticia que dava assim um grande elogio á musica. Muito bruto traz Deus ao cimo da terra.

LYCEU DE AVEIRO

Em casa de familia, recebem-se alumnos que frequentem a lyceu. Bom tratamento e maxima vigilancia.

Dirigir carta a C. H. R., rua do Gravito, 29, 1.º—Aveiro.

PRAÇA DE TOUROS

NO

PHAROL DA BARRA DE AVEIRO

—*—

HOJE E AMANHÃ

ÁS 3 DA TARDE

DESLUMBRANTES CORRIDAS

DE

8 BRAVISSIMOS TOUROS

CAVALLEIROS

Morgado de Covas
e José da Fonseca

—

ESPADAS — Francisco Louzada *(El Nêne)* e Raphael Toledo *(El Paleño)*.

BANDARILHEIROS — José de Sousa Cecilio, Francisco Louzada, Francisco Peixinho e Raphael Toledo.

—

Um valente grupo de forcados de Aveiro farpeará um touro em cada corrida.

O 8.º touro é destinado aos curiosos.

—

O bandarilheiro Cecilio fará, na primeira corrida, a arriscadissima sorte do **salto de vara,** que dedica ás damas; e na segunda o bandarilheiro Peixinho, que a dedica á classe piscatoria d'Aveiro.

—

E' director das corridas o sr. Leonardo da Cruz.

—

Assiste a phylarmonica *Aveirense.*

—

Este programma póde ser alterado por qualquer motivo imprevisto.

—

PREÇOS — Camarotes de sombra, 3$400 réis; ditos de sol, 2$400 réis; reservados, 520 réis; sombra, 420 réis; sol, 220 réis.

—

Os bilhetes estão á venda em Aveiro na *Veneziana Central,* na *Tabacaria Havaneza,* aos Arcos, e no estabelecimento dos srs. Antonio Ferreira Felix, Filhos, á rua Direita.

"Povo de Aveiro,,

Em Lisboa, na tabacaria Monaco.

ANNUNCIOS

Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empreza previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de couros, em leilão todas as segunda-feiras ao meio dia, em lotes correspondentes á matança de cada dia.

As condições estão patentes no acto da arrematação.

Venda de sebo, tripa, sangue secco para adubos, estrume, etc.

Rua da Boa Vista, 3 Lisboa

METHODO JOÃO DE DEUS

Cartilha Maternal ou Arte de Leitura, (1.ª parte) approvada pelo governo, 16.ª edição, br. 200 réis; cart. 300 réis.

Deveres dos Filhos, (2.ª parte ou 2.º livro de leitura), br., 200 réis, cart., 300 réis. 16.ª edição app. pelo governo.

Album, ou livro contendo as lições da CARTILHA, preço 5$000 réis.

Quadros parietaes, ou as mesmas licções da CARTILHA MATERNAL em 35 cartões, preço, 6$000 réis.

Arte de escripta, nove cadernos, a 30 réis; collecção, 270 réis.

O Methodo de escripta, vende-se aos CADERNOS ou ás COLLECÇÕES.

DO MESMO AUCTOR

A Cartilha Maternal e o Apostolado, (celebres polemicas sobre questões de pedagogia), 1 vol. de 280 paginas, preço 500 réis.

A Cartilha Maternal e a Critica, (2.ª parte das questões sobre o methodo de João de Deus, com prologo do dr. Trindade Coelho, 1 vol. de 372 pag. 500 réis.

Prosas, (narrativas, cartas, prologos, criticas, etc., coordenadas pelo dr. Theophilo Braga. 1 vol. de 745 pag., br. 800 réis.

Campo de Flores, 3.ª edição de versos, coordenados pelo dr. Theophilo Braga, um elegante volume de 525 pag., com dois bellos retratos do auctor, preço, br. 700 réis.

Opusculos pedagogicos de João de Deus Ramos.

Guia theorico e prático da Cartilha Maternal, (obra indispensavel aos que ensinam a lêr pela arte de leitura de João de Deus), 160 réis.

Os altos principios do Methodo de João de Deus, 300 rs

Todas estas obras escolares (de leitura e escripta) do methodo de João de Deus acham-se approvadas pelo governo e encontram-se á venda nas principaes livrarias de Portugal. Descontos para revender os do costume.

Os municipios, directores de collegios e professores de escolas tambem terão descontos especiaes.

Pedidos ao deposito geral das obras de João de Deus, Largo do Terreiro do Trigo, n.º 30, 1.º—LISBOA.

Os srs. professores ou directores de collegios que pretendam quaesquer explicações ácerca das obras escolares de JOÃO DE DEUS, pódem dirigir-se á viuva do auctor (ou ao dr. João de Deus Ramos), rua João de Deus, 13, 1.º (á Estrella), Lisboa, aonde continuam a dar-se CURSOS GRATUITOS, explicando o referido methodo.

CONSULTORIO DENTARIO

DE

THEOPHILO REIS

Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra

Extrahe, obtura, colloca dentes e encarrega-se do concerto de dentaduras

R. DIREITA, 58, 1.º

Aveiro

BAGAÇOS ALIMENTARES

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

DA ACREDITADA FABRICA

"PFAFF,,

Fundada em 1862 em KAISERSLAUTERN

são estas as melhores machinas de costura

A machina «PFAFF» para costureiras.
A machina «PFAFF» para alfaiates.
A machina «PFAFF» para modistas.
A machina «PFAFF» para sapateiros.
A machina «PFAFF» para seleiros.
A machina «PFAFF» para corrieiros.
A machina «PFAFF» para toda a classe de costura, desde a mais fina cambraia ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura

Ensino gratis. Garantia illimitada.
A prestações e a dinheiro com grandes descontos.
Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes.
Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura.
Conserta-se machinas de todos os systemas.

Peçam catalogos illustrados que se remettem gratuitamente.

Pedidos a

José Maria Simões & Filho

ANADIA—SANGALHOS

LIVRO COMMERCIAL

TRATADO DE CONTABILIDADE

Pelo guarda-livros RICARDO DE SÁ

Chefe da contabilidade do Banco Nacional Ultramarino. Ex-professor proprietario da 5.ª cadeira do Atheneu Commercial de Lisboa Perito ante os tribunaes Commercial e Civil. Publicista

E' sobejamente conhecido em todo o paiz o nome do auctor para que precisêmos recommendar o valor d'esta obra, indispensavel ao commercio e á industria em geral.

Esta obra compôr-se-ha approximadamente de 50 fasciculos de 16 paginas a 70 réis.

Assigna-se na «A EDITORA», Largo do Conde Barão, 50—LISBOA; e no Porto, na Livraria Chardron de Lello & Irmão, Rua dos Clerigos, 96 e 98, e em casa de todos os seus agentes das provincias, ilhas e ultramar. Envia-se o fasciculo specimen a quem o requisitar.

RUDIMENTOS DE AGRICULTURA

POR

ANTONIO X. PEREIRA COUTINHO

—

LIVRO APPROVADO NO ULTIMO CONCURSO PELA DIRECÇÃO GERAL D'INSTRUCÇÃO PUBLICA

PREÇO PELO CORREIO, 280 RÈIS

—*—

A' venda em todas as livrarias do continente, ilhas e ultramar, e na CASA EDITORA

LIVRARIA AILLAUD

Rua do Ouro,—242-1.º

LISBOA

A NOVA PHASE DO SOCIALISMO

POR

JOÃO DE MENEZES

A' venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 158, rua da Prata, 160 —LISBOA.

Preço 200

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22!
R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo
(Luz. Cam.)

Preços fixos — VENDA SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES! Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéns para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir byciclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria,** bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encommendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.